

Estados Unidos aceitam diálogo com devedores *Ainda não*

Nova Iorque — O secretário de Estado, George Shultz, comunicou ontem aos presidentes do Brasil, Uruguai e Peru, em reunião separadas, que os Estados Unidos estão disposto a iniciar um diálogo político com os países latino-americanos sobre a dívida externa, satisfazendo pela primeira vez as reivindicações latino-americanas. A informação foi prestada por altos políticos ligados às conversações.

Os países devedores latino-americanos, que hoje realizarão reunião de chanceleres do consenso de Cartagena, acreditam que este diálogo político deve ocorrer fora dos organismos financeiros multilaterais, como o Fundo Monetário Internacional ou o Banco Mundial, para imprimir um "impulso político" à questão da dívida, disse a mesma fonte, que pediu o anonimato.

Sem detalhar datas, a fonte disse ainda que o diálogo político poderá ser realizado a nível de chanceleres ou ministros da área econômica e contar com a participação dos países europeus e Japão. A Grã-Bretanha e a Alemanha Ocidental, até agora reticentes, uniram-se a posição norte-americana.

Tensões

O jornal "The Wall Street Journal" revelou ontem que o governo Reagan, "nervoso" pela instabilidade das tensões econômicas e políticas da América Latina, devido à dívida continental de 360 bilhões de dólares, está elaborando novas iniciativas para ajudar a aliviar esta pesada carga.

Os presidentes do Brasil, José Sarney, e Peru, Alan García, assumiram posições firmes, contrárias à estratégia aplicada pelos credores à crise da dívida nos últimos três anos, em discursos pronunciados segunda-feira na ONU. Júlio Maria Sanguinetti, do Uruguai, após abordar de forma moderada e

pragmática o problema, ontem, em seu discurso, ofereceu seu apoio às novas idéias definidas pelo governo Reagan para o tratamento da dívida, em particular o fortalecimento do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

O governo norte-americano tem ainda a intenção de incentivar novos empréstimos dos bancos comerciais internacionais aos países devedores e acionar mecanismos para reescalonar seus pagamentos de juros, que evitem violar normas bancárias vigentes nos EUA.

Sanguinetti disse que acordou o tema comercial com o secretário George Shultz, após afirmar que o "principal fator de instabilidade institucional" que a América Latina deverá enfrentar na próxima década será a deterioração dos termos do intercâmbio.

Discussões

Sanguinetti e Shultz, disse o primeiro, concordaram sobre a necessidade de uma nova rodada de discussões comerciais no Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), mas persistem suas divergências sobre medidas protecionistas concretas dos Estados Unidos que afetam indústrias particulares.

O presidente peruano, Alan García, por sua vez, causou comoção na segunda-feira, com sua ameaça de retirar-se do FMI se este não equilibrar em outubro, na reunião anual, em Seul, Coréia do Sul, a distribuição da renda internacional, deixando nervosos até alguns de seus colegas.

José Sarney, cujo governo deve reiniciar negociações com o FMI no mês que vem, foi firme ao garantir que se negará a pagar a dívida brasileira com a fome do povo.